

[TRADUÇÃO]  
**PARA A HISTÓRIA DO PRIMEIRO CAPÍTULO DE *O CAPITAL* DE MARX**  
(1929)

*Rafael de Almeida Padial<sup>1</sup>*  
*Universidade Estadual de Campinas*

**TOWARDS A HISTORY OF THE FIRST CHAPTER OF MARX'S *CAPITAL***  
(1929)<sup>2</sup>

Por

Isaak Illich Rubin

[Tradução Rafael de Almeida Padial]

**(PARTE 1)<sup>3</sup>**

Tanto os apoiadores quanto os opositores de Marx reconhecem que o primeiro capítulo do primeiro volume de *O Capital* é a pedra angular da imensa estrutura da sua teoria econômica. Também é amplamente aceito que o primeiro capítulo de *O Capital* é de difícil compreensão, devido à complexidade de seu conteúdo e à forma elaborada que Marx dá a seu pensamento. Não se trata apenas de dificuldades que o capítulo apresenta a principiantes na leitura de *O Capital*. Mesmo pessoas que estudaram *O Capital* por muitos anos encontram, toda vez que releem o primeiro capítulo, aspectos e significados novos, que escaparam às suas leituras anteriores. Tendo em vista penetrar da forma mais

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas.

E-mail: [rfpadial@gmail.com](mailto:rfpadial@gmail.com).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5943-5613>.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3759104161090969>.

<sup>2</sup> Traduzido de RUBIN, I.L., “Towards a History of the First Chapter of Marx's *Capital* (1929)”, in DAY, Richard B. & GAIDO, Daniel F., *Responses to Marx's Capital: From Rudolf Hilferding to Isaak Illich Rubin*, Leiden/Boston: Brill, 2017, pp. 583-618.

<sup>3</sup> Optamos por publicar o artigo em duas partes (uma nesta e outra em uma próxima edição da revista *Eleutheria*), devido a seu tamanho. Seguimos, para isso, a explícita divisão interna ao artigo de Rubin (onde o primeiro item trata do desenvolvimento das formas de exposição do primeiro capítulo de *O Capital*, e o segundo trata das críticas de Marx a Bailey). A parte ora publicada compõe as pp. 583-602 da edição inglesa acima citada. As notas de rodapé são do próprio Rubin, salvo quando indicadas por colchetes, as quais são da edição inglesa. Os trechos em que Rubin cita Marx em alemão foram traduzidos diretamente por nós (ou seja, não a partir da versão em inglês) e aparecem entre chaves.

profunda possível na riqueza incomparável das ideias apresentadas por Marx nesse primeiro volume, temos de submeter o primeiro capítulo a uma análise teórica e histórica detalhada. Particularmente, é necessário traçar o caminho pelo qual Marx, por anos e mesmo décadas, desenvolveu sua teoria do valor, dando às suas ideias uma formulação nova e mais complexa. Uma das mais importantes tarefas dos que estudam a teoria marxista do valor consiste em determinar como e por que Marx chegou nas complexas categorias e nos termos únicos utilizados no primeiro volume de *O Capital*. Completar tal tarefa é não apenas de grande interesse histórico – dado que nos ajuda a ver o desenvolvimento histórico do pensamento de Marx –, mas também fundamental para elucidar teoricamente as complexas categorias e termos tão frequentes na teoria marxista do valor.

Sabemos que Marx nos deixou três versões do primeiro capítulo do primeiro volume de *O Capital*: a versão da primeira edição, de 1867; a versão da segunda edição, de 1872; e finalmente a versão da edição francesa, que apareceu em partes entre 1873-75.

Devemos ainda lembrar que *Para a Crítica de Economia Política*, obra de Marx de 1859, é a primeira versão publicada das ideias que depois deram conteúdo aos capítulos 1 a 3 do primeiro volume de *O Capital*. Portanto, temos à nossa disposição quatro versões do primeiro capítulo de *O Capital*, escritas num período de cerca de 16 anos. De todos os capítulos do primeiro volume de *O Capital*, o primeiro, precisamente, é aquele que Marx retrabalhou mais radicalmente. À medida que avançava, o intervalo entre as sucessivas versões diminuía; paralelamente, diminuía também o número e a relevância das inovações e mudanças que Marx considerou necessárias em cada nova versão. Em comparação com a segunda edição, de 1872, na edição francesa de 1873 Marx introduziu apenas correções pontuais, de caráter editorial e estilístico. Muito mais numerosas e essenciais foram as mudanças que Marx incluiu na segunda edição, de 1872, em comparação com a primeira edição, de 1867. Entretanto, mesmo tais mudanças afetaram centralmente o caráter da argumentação, as formas de exposição e o arranjo do material (na primeira edição, em particular, a influência da terminologia e dos esquemas hegelianos era muito mais aparente). Tanto os conceitos quanto os termos fundamentais foram mantidos por Marx conforme apareceram anteriormente.

Como é de se esperar, as diferenças mais óbvias saltam aos olhos quando compararmos o primeiro capítulo de *O Capital* com o primeiro capítulo de *Para a Crítica da Economia Política*. Mais coisa está envolvida aqui do que uma mera forma diferente de argumentação ou um modo diferente de exposição. No primeiro capítulo de *O Capital*,

encontramos toda uma série de conceitos fundamentais e termos que nem mesmo existem em *Para a Crítica*, ou existem nela de forma ainda embrionária. Assim, deixando de lado momentaneamente as variações encontradas nas diferentes edições de *O Capital*, neste artigo nos limitaremos a comparar a exposição da teoria do valor entre *Para a Crítica* e *O Capital*. No primeiro item deste artigo, apresentaremos que em *Para a Crítica* Marx ainda não concebera uma distinção clara entre valor e valor de troca, ou que não dera detalhadamente conta do valor de troca. Em particular, em *Para a Crítica* ainda falta o estudo do desenvolvimento dos polos do valor (*i.e.*, as formas relativa e equivalente do valor) e o desenvolvimento das formas do valor (*i.e.*, as formas simples, desdobrada, geral e dinheiro do valor). No segundo item, tentaremos encontrar as causas que levaram Marx – em *O Capital*, diferentemente de em *Para a Crítica* – a traçar uma diferenciação clara entre valor e valor de troca. A esse respeito, descobriremos que Marx aparentemente concebeu a importância de tal distinção clara durante suas críticas a Bailey, um crítico de Ricardo e oponente ferrenho da teoria do valor-trabalho.

## **1. VALOR E VALOR DE TROCA EM PARA A CRÍTICA E EM O CAPITAL**

A obra *Para a Crítica da Economia Política*, de Marx, consiste em dois capítulos: o primeiro é voltado à "Mercadoria" e o segundo ao "Dinheiro". Como adendo às exposições teóricas em questão, cada capítulo contém também digressões históricas especiais, onde Marx apresenta criticamente doutrinas sobre temas particulares, trabalhadas por economistas que o precederam nos séculos XVII, XVIII e XIX. O primeiro capítulo inclui "Apontamentos Históricos para a Análise da Mercadoria", e o segundo tem duas digressões históricas similares: "Teorias sobre a Unidade de Medida do Dinheiro" e "Teorias sobre o Meio de Circulação e o Dinheiro". Como se sabe, Marx originalmente pretendia dotar cada seção de *O Capital* – cada qual dedicada a um problema específico – de uma digressão histórica, onde se descreveria o desenvolvimento das ideias econômicas referentes ao tema então tratado. Mas posteriormente Marx desistiu de tal combinação entre teoria e história, o método pesado de exposição que utilizara em *Para a Crítica*. Em *O Capital*, Marx omitiu a maioria das suas digressões históricas. As relevantes notas de Marx foram em seguidas editadas por K. Kautsky e finalmente publicadas sob o título de *Teorias da Mais-Valia*.

A mudança nos planos de apresentação de *O Capital* explica a ausência, no primeiro volume de *O Capital*, do tipo de digressão histórica presente em *Para a Crítica*. Marx utilizou o material anterior, presente no conteúdo de *Para a Crítica*, como base para a primeira seção do volume primeiro de *O Capital*<sup>4</sup>. O primeiro capítulo de *Para a Crítica*, a respeito da teoria do valor, corresponde aos dois primeiros capítulos de *O Capital*; o segundo capítulo de *Para a Crítica*, voltado à teoria do dinheiro, corresponde ao terceiro capítulo de *O Capital*. A parte referente à teoria do dinheiro sofreu poucas mudanças, centralmente na forma de abreviações. Em contraste, a parte voltada à teoria do valor foi significativamente expandida por Marx (em mais de duas vezes e meia, se excluirmos as digressões históricas) e também foi fundamentalmente retrabalhada. Foi precisamente na teoria do valor que Marx seguiu procurando formulações novas e mais acuradas para as suas ideias.

Como já comentado, o primeiro e pequeno capítulo de *Para a Crítica* contém o material que depois entrou – em forma retrabalhada e expandida – no primeiro e segundo capítulos de *O Capital*. Tentemos agora uma comparação mais precisa entre esses capítulos de *Para a Crítica* e de *O Capital*. Na segunda edição de *O Capital*, o primeiro capítulo é dividido em quatro itens, mas, do ponto de vista de seu conteúdo interno, podemos dividi-lo em três partes: o primeiro e o segundo itens contêm os ensinamentos sobre valor (e o trabalho que cria valor); o terceiro item, o ensinamento sobre a forma do valor ou o valor de troca; e o quarto item, a doutrina do fetiche da mercadoria. O segundo capítulo, denominado "O Processo de Troca", apresenta a gênese do dinheiro a partir do processo de troca, e, particularmente, a partir da contradição entre valor de uso e valor, escondida no interior da mercadoria. Assim, todo o conteúdo dos dois primeiros capítulos de *O Capital* pode ser dividido em quatro partes, que tratam de:

1. O valor (o primeiro e o segundo itens do primeiro capítulo);
2. A forma do valor ou o valor de troca (o terceiro item do primeiro capítulo);
3. O fetiche da mercadoria (o quarto item do primeiro capítulo);
4. A origem do dinheiro (o segundo capítulo).

---

<sup>4</sup> No prefácio à primeira edição do volume primeiro de *O Capital*, Marx escreveu: "A essência daquela obra anterior está reunida no primeiro capítulo deste volume." [Marx, 1976, p. 89]. Devemos esclarecer que na primeira edição (1867) o primeiro capítulo de *O Capital* consistia na doutrina sobre a mercadoria e sobre o dinheiro, ou seja, correspondia aos capítulos de 1 a 3 das edições subsequentes de *O Capital*.

É mais difícil explicitar o conteúdo do primeiro capítulo de *Para a Crítica*. O método de exposição que Marx usa em *Para a Crítica* torna difícil separar analiticamente as partes individuais e isolá-las umas das outras. No entanto, municiados das conclusões a que a rigorosa análise de Marx n'*O Capital* nos levou, podemos facilmente distinguir três diferentes partes no primeiro capítulo de *Para a Crítica*. A primeira (páginas 1-15 da edição alemã [Marx, 1970, pp. 27-38], excluindo o último parágrafo da página 15)<sup>5</sup>, inclui a doutrina do valor e corre paralela – desconsiderando-se todas as diferenças no modo de exposição – aos dois primeiros itens do primeiro capítulo de *O Capital*. Na segunda parte, que inclui apenas quatro curtas páginas (do último parágrafo da página 15 ao último parágrafo da página 19 [Marx, 1970, pp. 38-41]), podemos discernir, como veremos abaixo, um frágil embrião das ideias sobre valor de troca que depois adquirirão um desenvolvimento completamente novo no terceiro item do primeiro capítulo de *O Capital*. Por fim, a última parte do primeiro capítulo de *Para a Crítica* (do parágrafo final da página 19 até a página 32 [Marx, 1970, pp. 42-52]) investiga a emergência do dinheiro pelo desenvolvimento da contradição entre valor de uso e valor. Em termos gerais, essa parte corresponde ao segundo capítulo de *O Capital*. Quanto ao tema do fetiche da mercadoria (desenvolvido detalhadamente no quarto item do primeiro capítulo de *O Capital*), encontramos no primeiro capítulo de *Para a Crítica* apenas poucas páginas (pp. 9-11 [Marx, 1970, pp. 34-5]), na primeira parte, voltada à análise do valor e do trabalho que o cria.

Vemos, assim, que dos quatro pontos acima mencionados, desenvolvidos em detalhe por Marx em *O Capital*, apenas o primeiro e o último (*i.e.*, a doutrina do valor e a doutrina da origem do dinheiro) foram também em maior ou menor grau desenvolvidos em *Para a Crítica*. A doutrina do fetichismo da mercadoria foi tocada apenas de forma superficial e breve em *Para a Crítica*, ainda que suas ideias centrais estejam ali presentes clara e corretamente. Por fim, como veremos abaixo, a grande diferença entre *Para a Crítica* e *O Capital* está nos ensinamentos sobre a forma do valor e o valor de troca. Pode-se dizer que, no tratamento da teoria do valor, a diferença básica entre as duas obras consiste precisamente na ausência, em *Para a Crítica*, de qualquer diferença claramente estabelecida entre valor e valor de troca, ou, o que dá no mesmo, na ausência de qualquer ensinamento claro sobre o valor de troca. Consideremos mais detalhadamente tal

---

<sup>5</sup> [No texto, Rubin fornece a numeração das páginas da edição alemã de 1907 ou 1924 de *Para a Crítica*. Aqui fornecemos as referências correspondentes à primeira edição alemã (Marx, 1859). Fornecemos também a correspondente numeração das páginas da edição inglesa (Marx, 1970)].

diferença fundamental entre o primeiro capítulo de *Para a Crítica* e o primeiro capítulo de *O Capital*.

Marx distingue claramente, n'*O Capital*, o *valor* da mercadoria – representando certa quantidade de trabalho ou tempo de trabalho "materializado" – e o *valor de troca*, ou seja, o valor expresso no valor de uso de outra mercadoria. O primeiro conceito é designado pelo termo alemão *Wert* (valor) e o segundo por *Tauschwert* (valor de troca).

Para designar o conceito de valor em *Para a Crítica da Economia Política*, Marx usa ainda ambos os termos, *Tauschwert* e *Wert*, sem qualquer distinção. Com mais frequência, inclusive, ele usa *Tauschwert*, particularmente no primeiro capítulo, o qual é voltado especialmente à teoria do valor. O termo *Wert* é mais encontrado quando se fala da *magnitude* do valor. Ambos os termos frequentemente são encontrados lado a lado, um substituindo o outro arbitrariamente<sup>6</sup>.

Assim, os termos *Wert* e *Tauschwert* significam ainda a mesma coisa em *Para a Crítica*. Entretanto, perguntamos: qual conceito eles denotam precisamente, valor ou valor de troca? Não há dúvida de que em *Para a Crítica* ambos os termos denotam valor – conceito para o qual Marx, posteriormente, em *O Capital*, usará apenas *Wert*. Pode-se prová-lo não apenas pelo fato de que em *O Capital* Marx usa *Wert* muitas vezes, enquanto nas passagens correspondentes de *Para a Crítica* ele usa *Tauschwert*. Em toda página de *Para a Crítica* encontramos o termo *Tauschwert* no sentido de valor de uma mercadoria, expresso como certa quantidade de trabalho. Para citar apenas o mais claro dos exemplos, notemos que na página 52 o *Tauschwert* de um *quarter* de trigo é expresso em 30 dias de trabalho, da mesma forma que o preço (*Preis*) é expresso numa onça de ouro<sup>7</sup>. Na página 14, lemos: "O montante de tempo de trabalho contido na mercadoria, i.e., seu *Tauschwert*"<sup>8</sup>, e assim por diante.

Se o termo *Tauschwert*, assim como *Wert*, denota o conceito de valor em *Para a Crítica* (i.e., correspondem ao termo *Wert* usado em *O Capital*), então podemos supor, legitimamente, que o conceito de valor de troca, desenvolvido por Marx em *O Capital* sob o título de *Tauschwert*, ainda não fora suficientemente clarificado em *Para a Crítica*. Na verdade, a comparação das duas obras de Marx leva-nos à seguinte conclusão, que à

---

<sup>6</sup> Veja-se Marx, 1859, pp. 17-18, ou pp. 16-17 da tradução inglesa, na qual *Wert des Kaffees* é mencionado e na frase seguinte fala-se de *Tauschwert einer Ware* no mesmo sentido. Na página 50 (67 da tradução inglesa), menciona-se o *Tauschwert des Goldes*, e a sentença seguinte refere-se a *Wert einer Unze Gold*, etc.

<sup>7</sup> [Marx, 1970, p. 69]

<sup>8</sup> [Marx, 1970, p. 37]

primeira vista é paradoxal: ainda que, de um ponto de vista terminológico, *Tauschwert* figure mais frequentemente que *Wert* em *Para a Crítica*, Marx, nessa obra, concentra sua atenção essencialmente na análise do valor e não nos dá um conceito de valor de troca claramente desenvolvido. Por outro lado, ainda que a novidade terminológica de *O Capital* consista no uso frequente do termo *Wert* (no lugar de *Tauschwert*), a inovação essencial que aqui nos brinda Marx consiste no desenvolvimento claro da doutrina do valor de troca, enquanto algo diferente do valor.

Entretanto, não se deve conceber, a partir do que dissemos, que em *Para a Crítica* Marx ignorava que, numa economia mercantil, o dispêndio de trabalho determinante da magnitude do valor de uma mercadoria não se expressaria diretamente (mas apenas indiretamente) na equiparação de uma mercadoria com outra. Em *Para a Crítica*, Marx entendia por valor não o dispêndio de trabalho como tal, mas a equiparação das mercadorias entre si, expressando-se numa forma social específica. E não só isso. Em *Para a Crítica*, diferentemente de em *O Capital*, Marx tinha em vista desde o início uma forma específica do valor, a saber, a sua forma mais desenvolvida ou de dinheiro<sup>9</sup>. Mas, precisamente porque o valor aparece desde o início em *Para a Crítica* nessa forma desenvolvida, adequada ao seu conteúdo, Marx não vê necessidade de uma análise especial da forma do valor, separada de seu conteúdo. É somente em *O Capital* – no qual o objetivo de Marx é traçar o desenvolvimento das formas do valor, da mais simples à do dinheiro (desenvolvimento cuja força motriz é a contradição entre valor de uso e valor) – que aparece a necessidade de prover uma análise separada entre o conteúdo do valor e a sua forma. Nesse ponto, assim como em muitos outros, vemos uma distinção muito característica entre a exposição de *O Capital* e a de *Para a Crítica*. Nesta obra, os elementos individuais do problema aparecem de maneira uniforme, ou, mais exatamente, coesa. Em *O Capital*, eles podem ser diferenciados um do outro e submetidos a análises separadas. Graças a isso, a análise se torna mais vigorosa e os traços característicos de cada elemento, tomados isoladamente, emergem mais claramente. Por outro lado, entretanto – para o leitor despreparado –, também pode emergir o perigo da separação dos elementos individuais em questão, fazendo com que alguém se esqueça do vínculo inseparável entre eles. Em particular, o leitor nunca deve se esquecer de que, nos dois

---

<sup>9</sup> Veja a carta de Marx a Engels de 22 de junho de 1867: "Em minha primeira apresentação (Duncker), evitei a dificuldade do desenvolvimento ao não analisar de fato o modo como o valor é expresso até que aparecesse em sua forma desenvolvida, expressa em dinheiro" (MECW, Vol. 42, pp. 384-5, a ênfase é de Marx).

primeiros itens do primeiro capítulo de *O Capital*, a despeito de Marx apresentar a análise do conteúdo do valor separado de sua forma, esta está sempre pressuposta.

Concluímos assim que, em *Para a Crítica*, para todos os efeitos e propósitos, Marx comprehende por *Tauschwert* o valor; e que não encontramos ainda ali uma doutrina bem desenvolvida sobre o valor de troca. Entretanto, cabe questionar, isso significa que em *Para a Crítica* não encontramos indicações do conceito de valor de troca, subsequentemente desenvolvido em detalhes por Marx em *O Capital*? Tal suposição seria improvável, dado que em *Para a Crítica*, como vimos, Marx considera o valor, desde o início, numa forma específica, a saber, na forma dinheiro. Assim, seria estanho se não encontrássemos em *Para a Crítica* qualquer referência ao valor de troca, ainda que em sua forma mais externa e óbvia, ou seja, na forma de uma relação quantitativa entre as mercadorias então trocadas.

O fato é que, desde as primeiras páginas de *Para a Crítica*, encontramos valor de troca em sua forma mais externa e puramente quantitativa. Ele até representa o ponto de partida da discussão de Marx: "A princípio, o valor de troca parece ser uma *relação quantitativa*, a proporção em que valores de uso são trocados entre si"<sup>10</sup>. Marx, inclusive, mantém tal famosa frase em *O Capital*<sup>11</sup>. Entretanto, nessa obra ele rapidamente adiciona que, se limitarmos nossa investigação ao lado puramente quantitativo do valor de troca, poderemos facilmente ter a falsa impressão de que valor de troca é algo "accidental ou puramente relativo". É justamente para mostrar a falsidade dessa ideia – defendida por Bailey<sup>12</sup> – que Marx sente a necessidade de, em *O Capital*, após o trecho que já citamos, direcionar abruptamente o curso da investigação do valor de troca para o valor nele oculto, dando a este uma análise especial. Em *Para a Crítica* não encontramos Marx enfatizando esse ponto de virada na investigação. É como se Marx ainda não visse ou não considerasse necessário destacar todos os perigos escondidos numa investigação puramente quantitativa do valor de troca. Em *O Capital*, Marx destaca a falta de correspondência entre valor de troca e o conteúdo expresso por ele; em *Para a Crítica*, ele frequentemente nota a correspondência entre eles. Desse modo, em *O Capital*, após a frase que citamos – tratando do valor de troca como uma "relação quantitativa" –, Marx antevê a possibilidade de o leitor supor que valor de troca seja algo "accidental ou

---

<sup>10</sup> [Marx, 1970, p. 28.]

<sup>11</sup> [Marx, 1976, p. 126.]

<sup>12</sup> Veja-se, abaixo, o segundo item, intitulado "Marx e Bailey" {a ser publicado numa próxima edição da revista *Eleutheria*}.

puramente relativo". Em *Para a Crítica*, após a mesma frase, Marx conclui diretamente que as mercadorias então trocadas "assumem uma o lugar da outra na própria troca, consideram-se equivalentes, e, apesar de aparência heterogênea, têm um denominador comum"<sup>13</sup>. Em *Para a Crítica*, a unidade da substância de valor, contida em todas as mercadorias, está em destaque, ofuscando assim tanto as diferentes formas do valor quanto os diferentes papéis das duas mercadorias que compõem os polos da expressão de valor. Graças a isso, a exposição de *Para a Crítica* nos leva suave e mesmo imperceptivelmente, sem qualquer transição dialética acentuada, do valor de troca – no sentido de uma relação quantitativa entre as mercadorias então trocadas – ao valor. Tal movimento igualmente é facilitado pelo fato, visto acima, de que o conceito de valor também é denominado, em *Para a Crítica*, de *Tauschwert*.

Se tomamos o conceito de valor de troca, em *Para a Crítica*, no sentido de uma relação quantitativa entre mercadorias trocadas, então torna-se difícil responder se é possível encontrar ali o conceito de valor de troca também num ponto de vista qualitativo. Para responder isso com maior precisão, temos de clarificar o que significa exatamente valor de troca n'*O Capital*, enquanto algo distinto, por um lado, do valor, e também distinto, por outro lado, da relação quantitativa entre as mercadorias trocadas.

Na medida em que tomamos mercadorias como valores, consideramos a unidade ou identidade de sua natureza social. Enquanto *valores*, todas as mercadorias são completamente *iguais* entre si. O caráter externo de tal igualdade é expresso na "equação

---

<sup>13</sup> [Marx, 1970, p. 28]. Aqui (página 3 da edição alemã de 1859), como em muitos outros lugares, o uso de "*Einheit*" [traduzido acima como "denominador comum"] significa "единство" e não "единица". É lamentável que os tradutores frequentemente usem por engano a palavra "единица". [Em russo, "единица" significa uma "unidade" ou um "denominador comum" num sentido amplo, ao passo que "единица" tem um sentido mais estreito]. Por exemplo, na página 14 da edição alemã do primeiro volume de *O Capital*, Marx escreve: "*Man mag daher eine einzelne Ware drehen und wenden, wie man will, sie bleibt unfaßbar als Wertding. Erinnern wir uns jedoch, daß die Waren nur Wertgegenständlichkeit besitzen, sofern sie Ausdrücke derselben gesellschaftlichen Einheit, menschlicher Arbeit, sind, daß ihre Wertgegenständlichkeit also rein gesellschaftlich ist, so versteht sich auch von selbst, daß sie nur im gesellschaftlichen Verhältnis von Ware zu Ware erscheinen kann*" (*Marx-Engels Werke*, Band 23, 'Das Kapital', Bd. I, erster Abschnitt, Berlin/ddr: Dietz Verlag, 1968, p. 62). {Em português: "Pode-se virar e revirar uma mercadoria, como se quiser, e ela seguirá imperceptível enquanto coisa de valor. Entretanto, lembremos que as mercadorias só têm objetividade de valor na medida em que são expressão de uma mesma unidade social, o trabalho humano; que sua objetividade de valor é pois puramente social, e que, então, evidentemente, só pode aparecer numa relação social de mercadoria com mercadoria."}. Na página 11 da edição russa de 1928, tal passagem relevante é traduzida assim: "выражения одной и той же единицы человеческого труда" ["expressões de uma e mesma unidade de trabalho humano"]. [A edição inglesa padrão de *O Capital* traduz da seguinte forma: "We may twist and turn a single commodity as we wish; it remains impossible to grasp it as a thing possessing value. However, let us remember that commodities possess an objective character as values only in so far as they are all expressions of an identical social substance, human labour, that their objective character as values is therefore purely social. From this it follows self-evidently that it can only appear in the social relation between commodity and commodity" (Marx, 1976, p. 138)].

de valor" (*Wertgleichung*): por exemplo, 20 varas de linho = 1 casaco. Nessa equação consiste a "relação quantitativa" ou "relação de valor" (*Wertverhältnis*) entre duas mercadorias. Vemos que o valor de uma vara de linho é vinte vezes *menor* que o de um casaco, mas não sabemos precisamente a quê *se iguala* o valor do linho (ou do casaco).

Suponhamos agora que enfrentamos a tarefa de determinar o valor do linho com base na mesma equação. Para esse propósito, temos de recorrer ao seguinte procedimento: tomar o valor de uma mercadoria (o casaco, por exemplo) como magnitude dada, e determinar o valor da segunda mercadoria (o linho) como certo número de unidades da primeira mercadoria. Nesse caso, dizemos que o valor de 20 varas de linho = 1 casaco, e assim temos uma "expressão de valor" (*Wertausdruck*) especial para o linho. À primeira vista, pode parecer que tal "expressão de valor" não se difere em nada da "relação de valor" a que nos referimos anteriormente. Mas na realidade há uma diferença fundamental entre elas. Anteriormente, notamos que o *valor* de 20 varas de linho é igual ao *valor* de um casaco, ou seja, o *valor* das mercadorias figurou em ambos os lados da equação. Agora, afirmamos que o *valor* de 20 varas de linho é igual a *1 casaco*, i.e., a um item concreto ou valor de uso de outra mercadoria. Agora temos a "expressão de valor" especial de uma mercadoria (linho) no *valor de uso* de outra mercadoria (o casaco). Enquanto na "relação de valor" ambas mercadorias desempenhavam um papel completamente idêntico – e essa equação expressa sua igualdade enquanto valores –, na "expressão de valor" cada mercadoria desempenha um papel qualitativamente diferente<sup>14</sup>. Usando a terminologia empregada por Marx em *O Capital*, temos de dizer que o linho tem aqui a forma "relativa" do valor e o casaco a forma "equivalente" do valor.

À primeira vista, pode parecer que os papéis desempenhados pelas duas mercadorias na "expressão de valor" eliminam sua igualdade enquanto "valores". Na realidade, esse não é o caso. Numa economia mercantil, a igualdade dos produtos do

---

<sup>14</sup> Esta exposição esclarece porque Marx diferenciou entre "*Wertverhältnis*" ("relação de valor") e "*Wertausdruck*" ("expressão de valor"). Na tradução russa, por engano, esses conceitos aparecem às vezes indiferenciados. Por exemplo, na p. 12 da edição russa de *O Capital*, volume primeiro (1928), podemos ler: "*проследить развитие того выражение стоимости ("Wertausdruck")*, каким является отношение стоимостей ("Wertverhältnis") товаров". No original [retraduzido do alemão para o russo por Rubin], Marx escreveu: "*развитие того выражение стоимости, которое содержитя в отношение стоимостей товаров.*" [No original alemão: "*Um herauszufinden, wie der einfache Wertausdruck einer Ware im Wertverhältnis zweier Waren steckt*". {Em português: "Para descobrir como a expressão simples de valor de uma mercadoria se esconde na relação de valor de duas mercadorias."}]. Marx diz frequentemente que a "relação de valor" ("отношение стоимостей" ou "Wertverhältnis") inclui a "выражение стоимости" ("expressão de valor" ou "Wertausdruck").

trabalho não é estabelecida de antemão por qualquer órgão social, mas sim é expressa por meio de um processo de movimento complexo, onde o produto A aparece sem ainda ser equiparado ao produto B (e portanto ainda não está, de fato, equiparado a ele). Na doutrina do valor, abstraímos esse processo de intermediação e consideramos as mercadorias nos termos de sua igualdade enquanto valores. Mas, na doutrina do valor de troca, estudamos precisamente esse processo de intermediação da equiparação, onde as mercadorias necessariamente desempenham papéis diferentes.

Retornemos a *Para a Crítica* e levantemos a questão de saber se nela podemos encontrar a doutrina da "expressão de valor", do "valor de troca" ou da "forma do valor". Este último termo, por exemplo, nem sequer é encontrado em *Para a Crítica*. Já "valor de troca" (*Tauschwert*) ocorre frequentemente em *Para a Crítica*, mas agora sabemos que designa valor e não valor de troca. Resta-nos, então, procurar em *Para a Crítica* algum indício de "expressão de valor". E, de fato, na já mencionada segunda parte do primeiro capítulo de *Para a Crítica*, que contém cerca de 4 páginas (15-19)<sup>15</sup>, encontramos um embrião da doutrina da "expressão de valor" ou valor de troca.

Depois de considerar as mercadorias (na primeira parte do primeiro capítulo de *Para a Crítica*) em termos de sua igualdade de valor, Marx inicia a segunda parte da seguinte forma:

O valor de troca (*Tauschwert*) de uma mercadoria não é expresso em seu próprio valor de uso (...). [O] valor de troca de uma mercadoria se manifesta no valor de uso de outras mercadorias. Assim, o valor de troca de uma mercadoria, expresso no valor de uso de outra mercadoria, representa a equivalência<sup>16</sup>. Se eu disser, por exemplo, que uma vara de linho vale dois quilos de café, então o valor de troca do linho é expresso no valor de uso do café, e é, além disso, expresso numa determinada quantidade desse valor de uso. Uma vez dada tal proporção, o valor de qualquer quantidade de linho pode ser expresso em termos de café.<sup>17</sup>

Na passagem citada, temos uma indicação direta de que o valor de uma mercadoria é expresso no valor de uso de outra mercadoria, *i.e.*, assume a forma de valor de troca. Era já claro para Marx, em *Para a Crítica*, que uma mudança no valor de troca de uma mercadoria não corresponde quantitativamente a uma mudança em seu valor:

---

<sup>15</sup> [Marx, 1970, pp. 38-41].

<sup>16</sup> Em seguida retornaremos a essa definição de equivalência.

<sup>17</sup> [Marx, 1970, p. 38].

"Vimos que o *valor de troca* de uma mercadoria varia com a quantidade de tempo de trabalho diretamente contido nele. Seu valor de troca *realizado*, ou seja, seu valor de troca *expresso em valores de uso* de outras mercadorias, também depende do grau em que varia o tempo de trabalho despendido na produção de todas as demais mercadorias."<sup>18</sup>

O "valor de troca" de uma mercadoria A depende apenas da quantidade de trabalho despendido em sua produção. Mas seu "valor de troca realizado" também pode mudar de acordo com uma mudança na quantidade de trabalho despendido na produção da mercadoria B, trocada pela mercadoria A. O "valor de troca" da mercadoria pode se manter inalterado apesar de uma mudança no seu "valor de troca realizado". Evidentemente, Marx aqui comprehende – como também nas demais passagens desse livro –, para o primeiro termo {"valor de troca"}, essencialmente o *valor* da mercadoria; e, por sua vez, pelo último termo {"valor de troca realizado"}, o *valor de troca*.

Nessas citações, podemos ver o embrião da ideia de que o valor de uma mercadoria precisa se "realizar" (*realisiert*) ou se "expressar" (*ausgedrückt*) no "valor de uso de outras mercadorias". Tais expressões frequentemente são usadas no mesmo sentido em *Para a Crítica*<sup>19</sup>. Em outra passagem de *Para a Crítica*, Marx usa outros termos para expressar a mesma ideia. O valor de troca da mercadoria encontra sua "expressão real" (*realer Ausdruck*) ou "representação" (*Darstellung*) nos valores de uso de outras mercadorias, e neles "se manifesta" (*manifestiert sich*)<sup>20</sup>.

Nos trechos que citamos, pode-se ver o embrião da doutrina que distingue valor de troca e valor. Em *Para a Crítica*, entretanto, essa doutrina ainda é embrionária. Tanto valor quanto valor de troca são ainda designados por um só e mesmo termo, *Tauschwert*. Aqui, toda a originalidade qualitativa associada ao fato de que o valor de uma mercadoria é expresso no valor de uso de outra ainda não vira completamente à atenção de Marx. Os papéis qualitativamente diferentes desempenhados pelas duas mercadorias na expressão de valor ainda não estão claros. Aqui, a "expressão de valor" tem ainda de ser claramente diferenciada da "relação de valor" quantitativa, que se expressa na equiparação de mercadorias como valores. As características qualitativas particulares da

---

<sup>18</sup> [Marx, 1970, p. 40. A ênfase é de Rubin].

<sup>19</sup> Veja-se, por exemplo: "o valor de troca" é "expresso" numa série de equações (Marx, 1970, p. 39); "o valor de troca do linho é expresso no valor de uso do café" (Marx, 1970, p. 38); "o valor de troca de um alqueire de trigo" é expresso em "seus equivalentes" (Marx, 1970, p. 40); "O valor de troca de qualquer mercadoria (...) é medido sucessivamente [ou expresso] em termos de quantidade definidas de valores de uso de todas as outras mercadorias" (Marx, 1970, p. 39).

<sup>20</sup> [Nessa nota, Rubin cita as páginas 15, 19, 24 e 50 da edição de 1907 (ou de 1924) de *Zur Kritik der Politischen Ökonomie*].

categoría valor de troca – enquanto diferente do valor, por um lado, e da "relação de valor", por outro – teriam ainda de ser claramente desenvolvidas. O pensamento de Marx está principalmente focado nas características quantitativas da "expressão do valor". "Dada a proporção, o valor de qualquer quantidade de linho pode ser expresso em termos de café"<sup>21</sup> – eis o tipo de conclusão puramente quantitativa que sobretudo interessa a Marx aqui. O próprio Marx compreendeu depois – na primeira edição do volume primeiro de *O Capital*<sup>22</sup> – que o interesse focado no aspecto quantitativo da questão não conduz a uma compreensão correta do valor de troca, bem como não conduz à necessidade da divisão polar entre as diferentes funções das duas mercadorias (divisão que, por sua vez, contém o núcleo da necessidade do surgimento do dinheiro).

Chegamos assim à conclusão de que o conceito de valor de troca ainda não está claramente desenvolvido em *Para a Crítica*. É, portanto, perfeitamente natural que, por isso, em *Para a Crítica*, ainda não encontremos a doutrina das diferentes formas do valor, ensinamento ao qual Marx dedicou tanta atenção em *O Capital*. Nesta obra, como se sabe, Marx investiga, por um lado, as diferentes formas de valor (simples, desdobrada, geral e dinheiro); e, por outro lado, para cada uma dessas expressões de valor Marx diferencia os dois polos da equação de valor (relativo e equivalente). Em *Para a Crítica* ainda não encontramos a doutrina das formas do valor nem a doutrina dos polos do valor. Ali apenas vemos um frágil embrião das ideias que Marx desenvolverá depois sobre a doutrina das formas do valor. Quanto à doutrina do desenvolvimento da oposição entre os polos de valor, nem mesmo uma sugestão pode ser encontrada em *Para a Crítica*.

Dado que o valor aparece, em *Para a Crítica*, desde o início, em sua forma mais desenvolvida – sua forma universal, de dinheiro –, é compreensível que não faria sentido procurar aqui uma doutrina das diferentes formas de valor. É verdade que, em *Para a Crítica*, Marx usa exemplos de trocas de uma mercadoria por outra, mas, desde o início, considera isso apenas um momento dentro da troca multilateral de uma mercadoria por todas as outras. Para sustentar tal afirmação, sigamos o desenvolvimento do pensamento de Marx na segunda das três partes a que nos referimos.

Na segunda parte, voltando-se à investigação do valor de troca, Marx toma como exemplo a troca de uma mercadoria por outra: "Se dissermos, por exemplo, que uma vara de linho vale dois quilos de café, então o valor de troca do linho [que, como sabemos, deve ser compreendido enquanto valor – I.R.] é expresso no valor de uso do café, e é

---

<sup>21</sup> [Marx, 1970, p. 38.]

<sup>22</sup> Marx, 1867, pp. 20-1.

sobretudo expresso numa quantidade definida desse valor de uso"<sup>23</sup>. Sabemos que n'*O Capital* Marx submete a troca de uma mercadoria por outra a uma análise diferente e detalhada, sob o nome de forma simples do valor. Em *Para a Crítica*, sem submeter tal equação a qualquer análise especial, ele prontamente a inclui num sistema geral de equações, que expressa o valor da mesma vara de linho numa série sem fim de outras mercadorias. "Evidentemente, o valor de troca de uma mercadoria, *e.g.*, linho, não está exaustivamente expresso na proporção em que outra mercadoria particular, *e.g.*, café, forma seu equivalente. (...) O valor de troca dessa mercadoria particular [linho – I.R.] só pode então ser exaustivamente expresso num infinito número de equações"<sup>24</sup>, a saber, nas seguintes séries:

- 1 vara de linho = 1/2 quilo de chá,
- 1 vara de linho = 2 quilos de café,
- 1 vara de linho = 8 quilos de pão
- 1 vara de linho = 6 varas de chita, etc.

Utilizando os termos d'*O Capital*, poderíamos dizer que Marx passou da forma simples do valor à desdobrada. Mas, enquanto n'*O Capital* está em questão a transformação dialética (lógica e histórica) de uma forma de valor em outra, em *Para a Crítica* Marx se limita a observar que a troca de duas mercadorias (linho e café) envolve ao mesmo tempo todo um sistema de equações expressando o valor do linho. Ao passo que n'*O Capital* a equação de duas mercadorias representa uma forma particular de valor, tendo pelo menos uma autonomia muito relativa, em *Para a Crítica* [a equação] aparece desde o início no modesto papel de membro subordinado a um completo sistema de equações.

Mas Marx logo ultrapassa esse sistema de equações. "Se o valor de troca de uma vara de linho é expresso em 1/2 quilo de chá, ou 2 quilos de café, ou 8 quilos de pão, ou 6 varas de chita etc., segue-se que café, chá, chita, pão etc. devem ser iguais entre si na proporção em que são iguais a uma terceira magnitude, a saber, o linho. Portanto, este serve como medida comum de seus valores de troca"<sup>25</sup>. Usando uma vez mais os termos d'*O Capital*, podemos dizer que Marx aqui passa da forma desdobrada à forma geral.

---

<sup>23</sup> [Marx, 1970, p. 38.]

<sup>24</sup> [Marx, 1970, p. 39.]

<sup>25</sup> *ibid.*.

Mas, também nesse caso, não se pode falar de uma transformação dialética de uma forma de valor em outra. Enquanto n'*O Capital* a forma desdoblada *torna-se* (lógica e historicamente) a forma geral, em *Para a Crítica* Marx se limita a observar que o sistema de equações em questão não é nada além do mesmo sistema de equações invertido (*i.e.*, onde os itens da esquerda são colocados na direita, e vice-versa). Aqui Marx não nos mostra o desenvolvimento dialético das diferentes formas do valor, mas provê apenas uma análise lógica do valor de troca, que aparece desde o início em sua forma mais avançada e geral. N'*O Capital*, a transição da forma desdoblada do valor para a geral é acompanhada de uma clara mudança no caráter social da mercadoria selecionada (o linho), que resta ao lado direito da equação no papel de equivalente geral. Em *Para a Crítica*, cada mercadoria é considerada simultaneamente enquanto "a mercadoria exclusiva, que serve de medida comum aos valores de troca das outras mercadorias", e como "uma das várias mercadorias das séries em que qualquer outra mercadoria expressa diretamente seu valor de troca"<sup>26</sup>.

Assim, em *Para a Crítica*, encontramos apenas rudimentos da doutrina das formas do valor. Marx enfatiza aqui mais fortemente a unidade da substância do valor e obstrui a diferenciação das formas do valor. Eis o que explica precisamente a ausência – em *Para a Crítica* – de qualquer doutrina sobre o desenvolvimento das formas e polos do valor.

N'*O Capital*, como se sabe, Marx aponta uma clara distinção entre os dois polos do valor. A mercadoria A, cujo valor é expresso na mercadoria B, assume a forma relativa do valor. A mercadoria B, na qual o valor da mercadoria A é expresso, assume a forma equivalente do valor, ou funciona como equivalente<sup>27</sup>. Tanto em A quanto em B – as duas mercadorias equiparadas – a substância do valor (o trabalho) é qualitativamente idêntica e quantitativamente de mesma magnitude. Mas as duas mercadorias desempenham papéis diferentes na expressão de valor e têm diferentes formas de valor.

Em *Para a Crítica*, tal diferença de forma ainda não atrai a atenção de Marx. É bem verdade que, em *Para a Crítica*, dado que Marx considera o valor em sua forma mais desenvolvida, ele tem total consciência da diferença dos dois polos de valor em sua forma mais desenvolvida (a saber, na forma da polarização entre mercadoria e dinheiro). Mas, na medida em que Marx se mantém nos limites da teoria do valor (enquanto distinta da teoria do dinheiro), os diferentes papéis preenchidos pelas duas mercadorias equiparadas não estão tão claros para ele. Aqui ele ainda destaca a unidade que caracteriza

---

<sup>26</sup> [Marx, 1970, p. 40.]

<sup>27</sup> [Marx, 1976, pp. 139-40.]

as duas mercadorias equiparadas na "expressão de sua equivalência". Ambas as mercadorias que figuram na expressão dada, A e B, são consideradas "equivalentes"<sup>28</sup>. Aqui, equivalência é entendida na maioria das vezes no sentido de algo "de valor igual" – recurso que se aplica igualmente a ambas as mercadorias equiparadas. Eis o que explica a incomum definição de equivalência encontrada em *Para a Crítica*: "O fato de que o valor de troca de uma mercadoria se expressa no valor de uso de outra representa a equivalência"<sup>29</sup>. Lembremos que n'*O Capital* Marx utiliza quase as mesmas palavras para caracterizar precisamente a forma relativa do valor, e não a equivalente: "O valor da mercadoria A, assim expresso no valor de uso da mercadoria B, assume a forma relativa do valor"<sup>30</sup>. À primeira vista, o leitor pode supor que o que é chamado de equivalente em *Para a Crítica* é a mesma forma de valor que é chamada de relativa em *O Capital*. Todavia, isso é um erro. Em *Para a Crítica*, Marx simplesmente não distingue os dois polos do valor entre si, e fala sobre equivalência tanto para a mercadoria do lado esquerdo da equação quanto para a do lado direito. Numa só e mesma página encontramos o termo "equivalente" em ambos os sentidos. Na página 15, Marx apresenta uma série de equações, nas quais uma única e mesma mercadoria (a saber, o linho) é equiparada a toda uma série de outras mercadorias. Aí Marx nos diz que os valores de uso de todas as outras mercadorias formam os equivalentes do linho. Então, o termo "equivalente" é aqui utilizado no mesmo sentido que em *O Capital*. Mas na sentença imediatamente seguinte ele nos diz que nessa série de equações o linho é "a expressão exaustiva para um equivalente geral", i.e., uma mercadoria equivalente a todas as outras<sup>31</sup>. Tanto o linho quanto as mercadorias nas quais seu valor é expresso são, portanto, chamados de "equivalentes"<sup>32</sup>.

---

<sup>28</sup> [Marx, 1970, p. 40]

<sup>29</sup> [Marx, 1970, p. 38.]

<sup>30</sup> [Marx, 1976, p. 144.]

<sup>31</sup> [Marx, 1970, p. 39.]

<sup>32</sup> A falha em compreender a terminologia única de Marx em *Para a Crítica* geralmente leva a um erro na interpretação desse texto. Por exemplo, lemos na página 26 da edição alemã de *Para a Crítica*: "2 quilos de café = 1 vara de linho é agora uma expressão comprehensível do valor de troca do café, pois nesta expressão ele aparece como equivalente direto de uma quantidade definida de qualquer outra mercadoria." [ver a p. 47 da edição inglesa]. Em *O Capital*, Marx diria que o café tem a forma relativa do valor, enquanto o linho preenche o papel de equivalente geral. Mas em *Para a Crítica* Marx também chama o café de "equivalente". Isso porque, por meio do linho (enquanto equivalente geral) ele é equiparado a qualquer outra mercadoria. Era aparentemente incompreensível para o tradutor russo que café pudesse ser chamado de "equivalente", e ele considerou necessário refazer a sentença da seguinte forma: "A equação 2 quilos de café = 1 vara de linho é agora uma expressão comprehensível do valor de troca do café, pois nesta expressão a vara de linho é o equivalente direto para certa quantidade de qualquer outra mercadoria" (veja-se a edição russa publicada pela Universidade Comunista de Leningrado, 1922, p. 50). O original de Marx, utilizando o pronome "er" ["ele", em alemão], indica que a referência somente poderia ser ao café, e não ao linho (que, em alemão, é de gênero feminino, "*Leinwand*").

A evolução do termo "equivalente" na obra de Marx indica muita coisa. Quando ele estava preocupado com a equiparação de todas as mercadorias como valores, o termo "equivalente" (ou "equivalência", no sentido de valores iguais) destacava a *igualdade* das mercadorias então trocadas. Quando se preocupava com os diferentes papéis das duas mercadorias na expressão de valor, o termo "equivalente" *diferenciava* o papel de uma mercadoria do papel da outra, que então assumia a forma relativa do valor. Na primeira edição de *O Capital* (1867), Marx ainda considerava necessário recordar esse duplo sentido do termo "equivalente". Ele escreveu:

"Também podemos expressar a fórmula 20 varas de linho = 1 casaco, ou 20 varas de linho valem 1 casaco, da seguinte forma: 20 varas de linho e 1 casaco *são equivalentes*, ou *ambos são valores de igual magnitude*. Aqui não expressamos *o valor* de nenhuma das duas mercadorias *no valor de uso* da outra. Portanto, nenhuma delas assume *a forma equivalente*. *Equivalente*, aqui, significa apenas *algo igual em magnitude*, significa que, em nossas mentes, ambas as coisas foram silenciosamente reduzidas na abstração *valor*".<sup>33</sup>

Em *Para a Crítica*, Marx igualmente aplica o termo "equivalente" para ambos os polos da expressão de valor, *i.e.*, para o polo que n'*O Capital* é denominado de equivalente e para o polo que também n'*O Capital* é chamado especificamente de relativo. Compreende-se perfeitamente assim, portanto, que em *Para a Crítica* o termo "valor relativo" ainda não seja encontrado na forma que aparece em *O Capital*. Na realidade, enquanto n'*O Capital* o valor relativo de uma mercadoria é chamado de seu valor, expresso no valor de uso de outra mercadoria (por exemplo, a mercadoria B), em *Para a Crítica* fala-se de "valor relativo" (*relativer Wert*) de duas ou *muitas* mercadorias (por exemplo, as mercadorias A e B), *i.e.*, fala-se da *magnitude comparativa de seus valores*. Enquanto n'*O Capital* o termo "valor relativo" é aplicado apenas para *um* polo da "expressão de valor" (*Wertausdruck*), em *Para a Crítica* é utilizado para caracterizar a "relação de valor" (*Wertverhältnis*) de *ambas* mercadorias. Para explicar mais claramente essa diferença ao leitor, recordemos o que dissemos acima, a respeito da distinção entre a "expressão de valor" e a "relação de valor". Suponha que o valor relativo (*i.e.*, a relação de valor) de um chá para com o café seja de 4:1, ou seja, que um quilo de chá tenha quatro vezes mais trabalho que um quilo de café. Aqui, por "valores relativos" do chá e do café entendemos a magnitude comparativa de seus valores; mas, nesse caso, nem o valor do

---

<sup>33</sup> Marx, 1867, p. 769.

chá nem valor do café têm qualquer designação especial. Algo diferente ocorre quando dizemos que o valor de quilo de chá é igual a 4 quilos de café; aqui, o chá tem a "forma relativa do valor", no sentido de que seu valor recebe uma expressão especial no valor de uso do café (e este, exatamente por isso, desempenha o papel de equivalente). Neste caso, as duas mercadorias desempenham papéis diferentes, a despeito de terem desempenhado o mesmo papel no primeiro caso.

O conceito de valor relativo, enquanto oposto à forma equivalente do valor, é encontrado apenas em *O Capital*. Em *Para a Crítica* fala-se em valores relativos no primeiro sentido, *i.e.*, no mesmo sentido empregado geralmente por D. Ricardo. Assim, em *Para a Crítica*, fala-se do "valor relativo" de uma gama sem fim de valores de uso e das "formas relativas de dois metais" (ouro e prata)<sup>34</sup>.

Como vimos, a evolução do termo "valor relativo" corre perfeitamente paralela à evolução do termo "equivalente". A princípio, ambos termos enfatizavam a *igualdade* de duas mercadorias trocadas entre si. Depois, serviram para caracterizar os papéis *diferentes* e *opostos* que tais mercadorias desempenham no ato de troca. É verdade que em *O Capital* Marx às vezes usa termos no primeiro sentido, mas seu novo significado torna-se ainda mais claro nos termos que significam os polos diferentes e opostos da expressão de valor.

{Fim da primeira parte. A segunda parte deste artigo de Rubin, dedicada à crítica de Marx a Bailey, será publicada numa próxima edição da revista Eleutheria}

Publicado em 23 de novembro de 2017.

DAY, Richard B. & GAIDO, Daniel F., *Responses to Marx's Capital: From Rudolf Hilferding to Isaak Illich Rubin*. Leiden/Boston: Brill, 2017..

---

<sup>34</sup> [Marx, 1970, pp. 75, 149.]

## **REFERÊNCIAS**

- MARX, K., *Zur Kritik der Politischen Ökonomie*, Berlin: Verlag von Franz Duncker, 1859;
- \_\_\_\_\_, *Das Kapital*, Erstausgabe, Hamburg: Verlag von Otto Meissner, 1867;
- \_\_\_\_\_, *A Contribution to the Critique of Political Economy*, Moscow: Progress Publishers, 1970;
- \_\_\_\_\_, *Capital, A Critique of Political Economy*, Volume 1, Translated by David Fernbach, London, Penguin, 1976.